

Impressões da Africa do Norte

Conferencia do
TEN. CEL. A. DE LYRA TAVARES

A) – *A IMPORTÂNCIA DO CONTINENTE AFRICANO*

Uma das consequências da aproximação dos continentes, que o progresso das indústrias promoveu e a política das nações aproveitou, para traçar novos rumos aos seus programas de paz e de guerra, foi a importância assumida pelo continente africano cuja história e cuja geografia, relativamente pouco conhecidas, merecem hoje e merecerão, amanhã, ainda mais, a atenção especial dos que acreditam, como nós, em que o estudo esclarecido das cartas, do elemento humano e da formação histórica dos povos permite vislumbrar, com muita antecipação, o papel de cada um no mundo de amanhã. Ninguém discute mais a expressão política do mar Mediterrâneo, por cujo domínio as nações interessadas têm travado lutas tão importantes e de tanta influência na história das relações internacionais. Por outro lado, a guerra atual tornou bem claro que a defesa das Américas bem como a participação americana em qualquer teatro europeu depende do domínio aéreo-naval do oceano Atlântico. Tanto as afirmações dos altos comandos aliados como o empenho do inimigo na sua campanha submarina revelam a influência decisiva da batalha do Atlântico na decisão da guerra. Com essas premissas estabelecidas, a situação geográfica da África, cujas bases interessam, simultaneamente, ao problema do Mediterrâneo e ao problema do Atlântico, aparece, sob o ponto de vista estratégico, no seu verdadeiro valor. Devemos considerar, também, que o domínio dos mares e a liberdade de movimento das frotas marítimas estão hoje na dependência direta da ação aérea, que se apoia, particularmente, nas bases costeiras. E eis aí definida, em duas palavras, a importância estratégica do continente africano na época atual.

Do ponto de vista econômico, seria, também, interessante estabelecer um paralelo entre o sentido do progresso das nações altamente industriais e a região africana de colonização. Para o índice de vida dos povos europeus, a África representa uma reserva de terras excepcional. Enquanto os seus problemas essenciais não forem resolvidos e a sua civilização, relativamente atrasada, se mantiver em nível inferior ao das nações européias, ela precisará da proteção e dos recursos industriais dessas nações que têm aí uma solução natural para os seus problemas econômicos e militares. Aliás, já há quatro mil anos antes de Cristo a terra africana vem sofrendo a influência sucessiva dos fenícios, dos romanos, dos bizantinos, dos árabes e, na época atual, por idênticos desígnios, ela é um conjunto de regiões dominadas, direta ou indiretamente, pelas nações europeias francamente industriais e de grande densidade demográfica que se disputam, sem resultados definitivos, as vantagens incontestáveis do seu domínio.

É por isso que as questões africanas figuram, na vida das grandes nações, como um problema essencial, mercê do qual a estrutura política da África mantém uma forma de equilíbrio "sui-generis", porque resulta de um choque de tendências estranhas e não de uma orientação própria que se afirma e prevalece.

O principal objetivo dos povos colonizadores da África foi, inicialmente, uma consequência dos interesses da navegação marítima e da expansão comercial que encontrava ali o intercâmbio de produtos em condições favoráveis. A civilização se limitou, por isso, às regiões litorâneas e só muito mais tarde ensaiou estender sua influência para o interior. A sua marcha se fez da periferia para o centro. Nenhum continente se conservou por tanto tempo tão desconhecido. Vastos espaços no Sahara ocidental e oriental e nas regiões equatoriais de sudoeste jamais foram exploradas, mesmo porque os frutos de um tal trabalho não compensariam as adversidades a enfrentar em climas tão inhóspitos. "Si se marcassem os lugares em que se viram malogradas tantas tentativas de exploração, ante as represálias dos selvagens e a mortandade das doenças africanas, a carta da África seria toda balisada por cruces mortuárias como um cemitério". A antiguidade quase que só conheceu o Egito, até as cataratas do Nilo, o litoral da Cirenaica e da Tripolitania e a África

Menor, até o Sahara. Esse conhecimento se desenvolvia somente ao longo do litoral, quando em 1788 se fundou em Londres a "British African Association", com designios comerciais, religiosos e científicos, visando promover, entre as Nações civilizadas, as expedições de exploração que marcaram o chamado "período das descobertas". Esse período pode ser dividido em duas fases:

1.^a Fase: Estende-se até 1885, quando se realizou o Congresso de Berlim. No seu decurso, os franceses, os ingleses e os alemães realizaram, em comum, expedições e estudos sobre a geografia da África, sem objetivos particularistas nem espírito de hostilidade.

2.^a Fase: A partir do Congresso de Berlim, que marca o início da política colonizadora pelos povos interessados. Pronunciam-se, aí, as reivindicações de territórios, obedecendo às conveniências próprias de cada Estado. e os estudos orientados para a posse e manutenção das regiões abrangidas pelos interesses políticos e econômicos de cada um. Inicia-se, então, a campanha pela exploração das suas riquezas e a África, representando as últimas reservas de terras virgens que resta à Europa, passa a constituir um objetivo político-militar, gerando disputas e hostilidades. As questões se suscitam no fim do século XIX, em que se define a sua repartição: Egito, Tunísia, Marrocos, Nigéria, Congo, Transvaal, Moçambique, etc.

A guerra atual, sejam quais forem os seus resultados, vai dar aspectos novos ao problema da África que provavelmente repercutirão no nosso continente. A não ser que se despreze a influência da geografia na história dos povos, nenhum estudo poderá fugir a essa conclusão que se reveste, para nós, de um alto interesse continental. Estou certo de que o Instituto de Geografia e História Militar, pela sua finalidade, mesma, e pelas incontestáveis credenciais dos seus membros componentes, constitui, precisamente, a instituição brasileira mais indicada e autorizada para promover os estudos e criar o interesse necessário sobre assunto de tão grande relevância no ambi-

to das suas atribuições. Foi por isso que me seduziu o espírito, sem mesmo levar em conta a minha modesta posição no confronto dos seus valores intelectuais, o convite que recebi para falar sobre a África do Norte neste meu primeiro contacto convosco. É essa, aliás, uma ótima oportunidade para que eu vos conte as minhas impressões de uma viagem que fiz, há bem pouco tempo, no desempenho de uma honrosa missão militar, com que fui distinguido pelo governo.

B) — *PORQUE DEVEMOS ESTUDAR A AFRICA*

No conceito de um francês ilustre, nós estamos vivendo a “época das relações internacionais”. Foi assim que ele batisou, com muita felicidade e justeza, o século da aviação. Se quisermos estudar a história do Brasil, dividindo-a em períodos característicos da nossa posição relativa no meio internacional, ela teria de compreender:

- 1.º — Um período colonial, em que a nossa preocupação respondia, principalmente, às necessidades de defesa contra a ameaça de conquista por nações de ultra-mar. Nêsse período, a posição vulneravel do Nordeste concorreu para que êle representasse o papel de posto avançado, que foi o teatro das guerras contra os holandeses.
- 2.º — O período que se seguiu à Independência, em que a importância estratégica do território se deslocou para o Sul, em consequência dos dissídios e das lutas que terminaram por solucionar, com honra e justiça, as questões lindes que a América latina herdara dos povos ibéricos.
- 3.º — Finalmente, vivemos hoje um período novo, em que a paz e a cordialidade americanas, cimentadas na amizade recíproca, na boa vizinhança e na comunhão de interesses, fundiram as nossas atividades e os nossos anseios num sentido de pura americanidade, por força do qual o nosso continente se unificou e fortaleceu em face da política do mundo.

Cada uma das nações americanas, conservando as suas tradições próprias, mantendo as suas soberanias intangíveis e traçando, por si mesmas, os seus destinos autônomos, é, contudo, um pedaço do

solo americano, é a fronteira de uma civilização comum que a tôdas interessa tornar invulneravel, como medida de auto-defesa. Neste mesmo período da nossa história política comum, a crise máxima das outras civilizações mais antigas se pronunciou pelas armas e essas armas estão hoje e estarão amanhã cada vez mais próximas de nós, a pôrem a prova a nossa solidariedade e a nossa capacidade de defesa.

Do lado do Atlântico, é no nordeste que a América se debruça sôbre a África, aproximando-se dela até uma distância mínima que se convencionou chamar de "trampolim". Natal está mais perto de Dakar do que dos centros vitais americanos, num momento em que 1680 milhas de oceano não representam mais do que um vôo de oito horas, que tanto pode ser feito por um como por mil ou dez mil aviões. O nordeste brasileiro voltou a representar, assim, não só para o Brasil, como para o continente americano, o papel de posto avançado da nossa defesa, tal como o foi na "idade da cana", ao tempo épico das invasões holandesas.

Apesar das nossas tradições, dos nossos sentimentos e dos nossos propósitos essencialmente democráticos, é lógico que os homens que habitam e guarnecem as praias históricas de Iracema, do forte dos "Três reis magos", de Cabedelo e de Olinda tenham, hoje, uma curiosidade maior de conhecer o que se encontra do lado de lá do oceano, de onde recebemos, aos milhares, na era da nossa formação, os negros que ajudaram a explorar as nossas riquezas com o seu suor e a caldear a nossa raça com o seu sangue, sem trazer no pensamento a mínima sombra de ideias dominadoras.

C) — AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Nós tivemos a sorte de matar essa curiosidade, mas encontramos do outro lado uma África já muito diferente da do tempo das caravelas e da nossa ingenuidade política. A penetração do elemento europeu modificou profundamente, de então para cá, a sua situação primitiva, e embora os programas colonizadores tenham sido mais intensos e compensadores em determinadas regiões, o território africano passou a ter donos diretos, ciosos e capazes de defendê-lo ou de aproveitá-lo para os seus desígnios futuros.

Dakar forma com Natal o trampolim do Atlântico. Serve de porto ao Sudão e ao Senegal e é a cidade mais importante da África Ocidental Francesa, que abrange uma área sete vezes maior que a da França continental, com uma população três vezes menor. São quase quinze milhões de indígenas enquadrados por pouco mais de vinte mil europeus, o que explica o seu desenvolvimento econômico ainda muito precário. Apesar do seu relativo progresso, essa região ainda não oferece boas condições de vida ao colono, principalmente devido ao seu clima inhóspito. Dispõe hoje de uma rede ferroviária de 3.500 kms. e de 46 mil kms. de estradas e pistas. Foi na colonização de Dakar que a França concentrou, no ocidente africano, todos os seus esforços, no sentido de imprimir às suas colônias o traço e o nível da civilização continental, mas esse objetivo ficou ainda muito longe quando esta guerra a surpreendeu.

A invasão aliada de novembro de 1942 não modificou em nada o aspecto da cidade, mas simplesmente tratou de assegurar a sua defesa contra qualquer ação ulterior do inimigo, pela construção de uma base aérea moderna, onde tivemos, na madrugada do dia 29 de março, o nosso primeiro contacto com o solo africano.

A presença da aviação americana em Dakar trouxe um grande desafogo à população brasileiras do Nordeste, cuja defesa depende, hoje, das intenções e do poderio aero-naval dos dominadores da África Ocidental. É bem verdade que o centro de forças do continente africano não está no ocidente e que o poder colonial francês gravita em torno das suas terras da África do Norte, compreendendo o Marrocos, a Argélia e a Tunísia. É essa a região que representa, pela proximidade da metrópole, pela semelhança do clima e do solo, o principal papel do Império colonial na vida e no progresso da França. Ela foi o grande taboleiro em que se jogaram os destinos da África e as cartadas decisivas para o desfecho da guerra.

D) – *ÁFRICA DO NORTE*

O primeiro ponto em que tocamos a África do Norte foi Marakech, situada no Marrocos Francês, a 10 horas de voo de Dakar. É uma belíssima cidade em que os hotéis, os palacetes e as belas praças européias formam contraste com a cidade árabe, os seus merca-

dos e as suas vielas características, como expressão da tenacidade de uma raça que parece desafiar o progresso. Foi em Marrakech que o então coronel Mangin fez a sua entrada vitoriosa em 7 de setembro de 1912, no auge da efervescência do período agudo da conquista do Marrocos pela mão de mestre de Liautey. Foi dali que o Residente-geral escreveu:

“Estou aqui há dez dias, em plena fantasmagoria. Nenhum quadro de orientalismo atingiu o esplendor de minha chegada a Marrakech, numa radiosa manhã. A multidão árabe, o luxo dos cavaleiros, os grandes estandartes desfraldados, os cortejos incessantes, as alegres fanfarras de nossas tropas, o perfume da vitória e do contentamento, tendo no fundo o painel do Grande Atlas coroadado de neve”.

Marrakech é bem uma expressão fiel da obra de Liautey. Ali a gente vê o ilustre Marechal de França harmonizando o feiticismo religioso do árabe muçulmano, que sempre se mostrou invulnerável ao espírito colonizador, com o progresso que se deveria imprimir às regiões submetidas, para torná-las capazes de atrair e radicar o colono francês. Liautey lançou os alicerces da nova civilização sem procurar demolir nem ameaçar os da antiga, porque compreendeu, na sua alta visão política, que a absorção do elemento nativo e do árabe, com raízes tão profundas na África do Norte, deveria ser obra do tempo, tão grandes seriam os abalos e os insucessos de qualquer outra orientação. Respeitando, integralmente, os primitivos donos da terra, o culto do Coran, os seus lugares santos e as suas vilas primitivas, êle intensificou, por outro lado, um largo programa de obras públicas, em que primava a excelência da rede rodovia e ferroviária, em cuja finalidade talvez prevalecesse a esperança de *absorver* e de *assimilar*, pela ação catalítica do progresso. O árabe, entretanto, fechado no espírito indomável do seu conservantismo religioso, nem se insurge contra o progresso nem se lhe submete. É assim que as cidades totalmente européias, sem ultrapassar os limites das cidades muçulmanas, estendem-se e progridem, diante delas, que aparecem aos nossos olhos como grandes museus vivos, com mercados de tâmaras, de peles, de lãs e de tapetes, em cujas praças centrais e por cujas ruas estreitas, escuras e sujas, cruzam, incessantemente, até altas horas da noite, as silhuetas imponentes de homens

de albornozes brancos, cobertos na cabeça e com exóticas sandálias nos pés.

Quando saíamos do ambiente luxuoso do Hotel Mamounia, com seus amplos salões em rico estilo mourisco e repletos de oficiais, para uma vista de olhos sôbre a cidade muçulmana, a transição era tão forte que os quadros humanos nos apareciam com aspectos irreais de um sonho oriental projetado sôbre um passado longínquo e romântico. E, no entanto, lá estavam, à hora do crepúsculo, ajoelhados e orando, em torno dos seus "maraboos", como belas imagens inertes, os árabes, em carne e osso, na mesma contrição religiosa dos seus antepassados de muitos séculos atrás. E, mais adiante, já noite fechada, era comum nós os vermos, sentados e reunidos, em torno de um velho árabe que lhes explicava, com maneiras de profeta, as coisas da vida e as coisas da guerra, que devem ser incompreensíveis e absurdas para quase todos.

O Exército Americano estudou e compreendeu muito bem o ambiente africano, antes de tentar o desembarque vitorioso de novembro, que foi sem dúvida a manobra estratégica de maior amplitude e envergadura da presente guerra. Todos os seus homens receberam instruções sôbre a conduta que deviam observar em território da África, particularmente no trato com o elemento árabe, cujo espírito susceptível e cuja intransigência na Religião era conveniente respeitar, como uma das condições do sucesso e como um dos princípios da Democracia.

Na tarde do dia 24 de abril, durante a ofensiva americana sôbre Mateur e Biserta, ao regressarmos do "front" em companhia de 2 oficiais americanos, vimos cair perto de nós os projetis do 105 alemão, regulados sôbre uma ponte bem dominada por seus observatórios. Perto dessa ponte, erguia-se um "maraboo" bem visível, todo caiado de branco, que servia de ótima referênciã para o tiro. O major Almeida de Moraes, meu companheiro e destacado oficial de artilharia, estranhou, naturalmente, que não tivesse havido o cuidado de "camuflá-lo", mas logo lhe explicaram que se tratava de um lugar sagrado, sendo preferível conservá-lo, com o inconveniente de favorecer a ação do inimigo, a modificá-lo, com o inconveniente ainda maior de profanar a Religião dos árabes. Além desse respeito pelas crenças alheias, que é muito do seu espírito democrático, os

americanos procuraram sempre reintegrar as populações norte-africanas na sua vida anterior, profundamente perturbada pelas consequências da guerra e, sobretudo, pela pilhagem inimiga, proporcionando-lhes meios de subsistência, prestando-lhes assistência médica e prestigiando as autoridades locais. A bandeira francesa retomou a sua posição soberana na África libertada e era hasteada e arriada, todos os dias, no Q. G. americano, ao som da Marselhesa.

Toda a África do Norte apresenta aspectos como êsses. Dentro da variedade da sua topografia e do seu clima, dos altos e baixos do seu nível de progresso, que é tanto maior quanto mais próximo do mar, há, contudo, no conjunto, certas características dominantes que podem servir de explicação e de síntese da sua história. Ela não constitui uma região propriamente africana, na acepção comum do termo. Suas relações comerciais com a África Central são quase nulas, porque o deserto ainda é um fator de separação, ao passo que o mar Mediterrâneo serve de traço de união com o continente europeu. Como consequência, enquanto ao sul do Sahara encontramos a região dos negros, as populações da África do Norte são todas de raça branca e originárias dos bérberes. Ela é, aliás, o berço da civilização berbérica.

A Argélia é uma colônia francesa, ao passo que a Tunísia e o Marrocos são Estados muçulmanos colocados sob o protetorado da França. A despeito das sucessivas invasões, o Islamismo resistiu a todas as influências e constitui, ainda hoje, a religião dominante e o principal obstáculo a uma colonização integral, pela influência do seu culto, nos hábitos sociais e nas atividades do homem, muito embora o elemento francês haja fundado e desenvolvido, em muitos pontos, uma civilização completamente européia, nos aspectos urbanísticos, nas atividades comerciais, nos sistemas de trabalho e de vida. Nada disso prejudicou a invulnerabilidade da crença e a influência do Coran, pelo que as civilizações francesa e árabe coexistem mas não se interpenetram. Os cartaginenses a dominaram por nove séculos; os romanos (incluindo os vândalos e os bizantinos), por oito. Seguiram-se os árabes e os turcos, povos muçulmanos, que a ocuparam durante onze séculos. A ocupação francesa, finalmente, data de 1830. Verifica-se, assim, a influência alternativa do Oriente semita e do Ocidente latino. A civilização romana foi a que mais

influiu sôbre as dinastias bérberes, mas nenhum dos povos conquistadores logrou exterminá-las, e a raça bérbere, muito tenaz, guarda ainda a sua individualidade, bem distinta da dos árabes.

A França não destruiu nem assimilou essas raças. Submeteu-as, entretanto, às suas conveniências essenciais. Elas constituem, porém, pontos de apoio favoráveis a qualquer política anti-francesa, da mesma maneira que constituíram, antes de Liautey, uma ameaça constante, partida do Marrocos, contra a segurança da Argélia. A maior parte da população marroquina ainda é de bérberes. A colonização francesa é relativamente recente e apenas se firmou na orla mediterrânea, onde floresce, cada vez mais, em belas cidades ocidentais.

Nas escolas francesas da África do Norte se prepara o espírito dos jovens contra o perigo do pangermanismo. Num livro didático que se adota no Marrocos, lemos a seguinte advertência: "A Alemanha procura estender seu domínio colonial. Pela sua grande indústria, ela precisa das nossas matérias primas". Realmente, o imperador Guilherme II se atribuía o papel de protetor dos muçulmanos do mundo, dos quais 150 milhões povoam as colônias francesas e inglesas. Em 1905, a política alemã pretendeu imiscuir-se no Marrocos, terminando por conformar-se, aparentemente, com uma parte do Congo Francês. A guerra de 1914 foi declarada no dia 3 de agosto e no dia seguinte dois grandes cruzadores alemães apareceram diante de Bona e Philippeville, bombardeando as duas cidades.

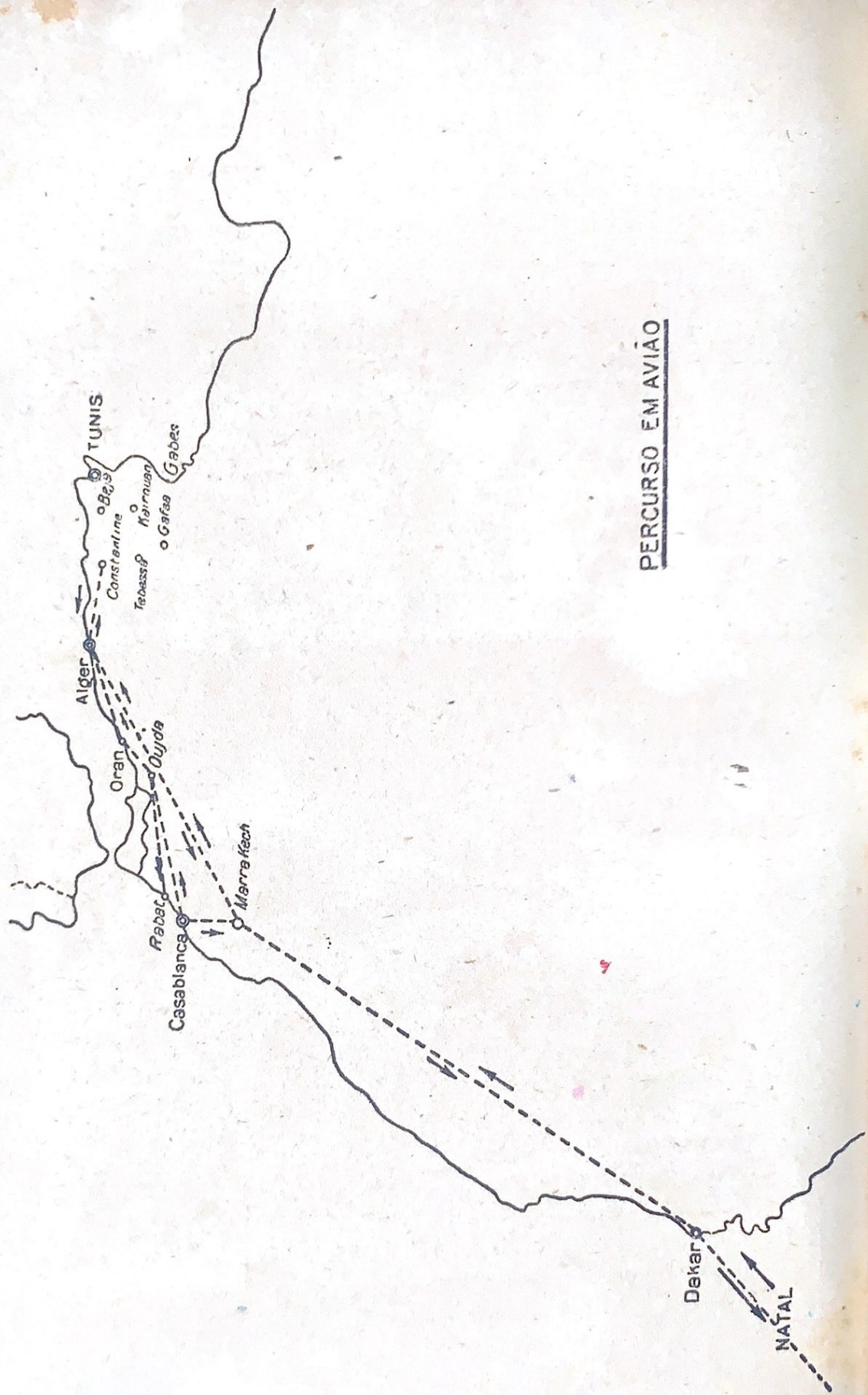
É interessante ainda assinalar, no aspecto político, a influência que pode vir a ter a África do Norte sôbre a orientação da Turquia, através dos laços espirituais que decorrem da religião comum. A solidariedade tradicional do povo muçulmano poderá traduzir-se num elemento de êxito diplomático em futuro próximo e é um fator que parece pesar, agora, a favor dos Aliados, não só porque êles são hoje vitoriosos em toda a África como porque as suas medidas de ocupação, em contraste com as do inimigo, levaram em conta o valor do elemento espiritual no êxito da guerra e souberam estabelecer, com descortino, as regras de convivência com os povos das regiões libertadas.

A topografia norte-africana, tendo por base as montanhas do Atlas, que constituem a ossatura da região noroeste, é caracterizada

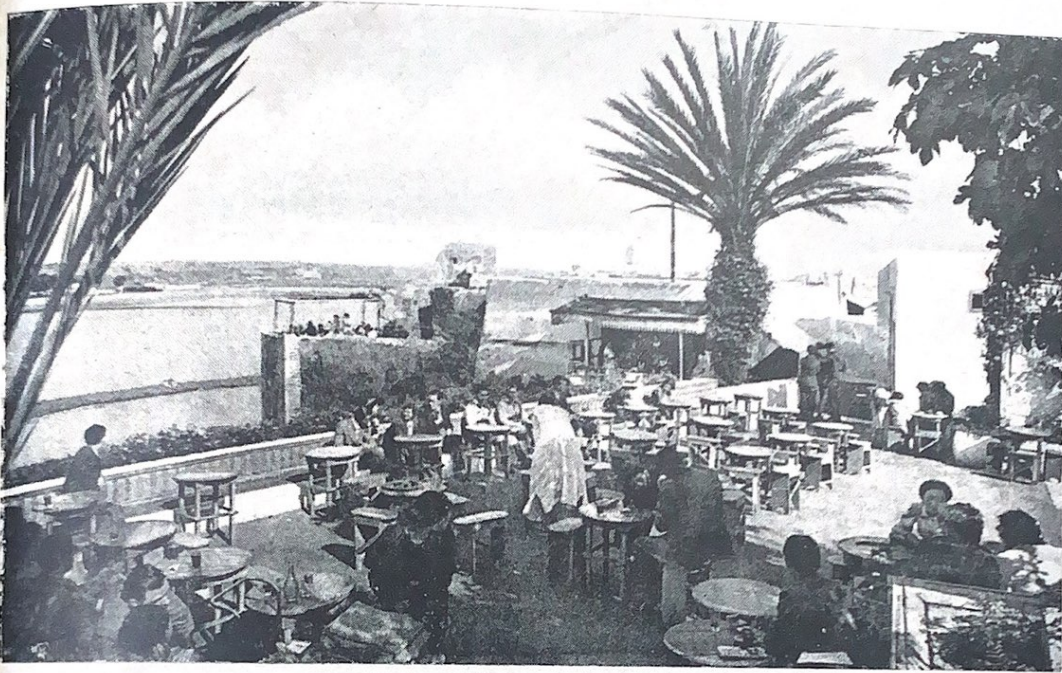
por uma sucessão de planícies e planaltos, definindo compartimentos de característicos próprios. Como consequência, a estrutura heterogênea da região crêa os contrastes de costumes e de interesses, e a "coexistência da civilização e da barbarie". Daí, as dificuldades da formação de uma nação homogênea, senhora dos seus destinos, que se sobreponha à vida de clan, que congregue e assimile as pequenas tribus. Em toda a sua história, a África do Norte, muitas vezes invadida, nunca se unificou para reagir, mas, por outro lado, uma vez vencida, nunca nenhuma raça colonizadora logrou submetê-la verdadeiramente, impondo-lhe seus costumes próprios ou, ao menos, uniformizando os dos indígenas, com o fim de criar uma civilização organizada e coerente.

E) — *A GEO-POLÍTICA DA AFRICA DO NORTE*

Se quisermos traçar uma síntese da África do Norte, assinalando os pontos altos da sua estrutura geo-política, as montanhas do Atlas, o Sahara e a Religião muçulmana constituirão os motivos principais e os traços mais vivos a serem focalizados. A atual divisão política é uma consequência e uma imposição da sua topografia, em que o Atlas representa o papel de coluna mestra. É a geografia que indica a divisão natural em três países: o Marrocos, a Argélia e a Tunísia. Esse grande conjunto, que corresponde a uma vez e meia o território da França, terá de respeitar as fronteiras naturais das suas barreiras montanhosas, as diferenças características das regiões naturais e o deserto inexplorável. O Marrocos é a sua fachada atlântica. Envolvendo grandes planícies e planaltos, o Atlas forma aí, com as montanhas do Rif, um grande semi-círculo de alturas dominantes, aberto para o oceano. A Argélia, pelo contrário, é fechada, do lado do mar, pelo anteparo montanhoso do Atlas teliano. A Tunísia se abre para Este, pelo vale do Medjerda, que balisou, outrora, a linha de penetração dos romanos, demarcada, ainda hoje, pelas ruínas históricas de uma civilização que os árabes extinguiram completamente. Do cabo Bon até o fundo do golfo de Gabés, a Tunísia é formada por uma grande planície arenosa que se alarga progressivamente, do norte para o sul.

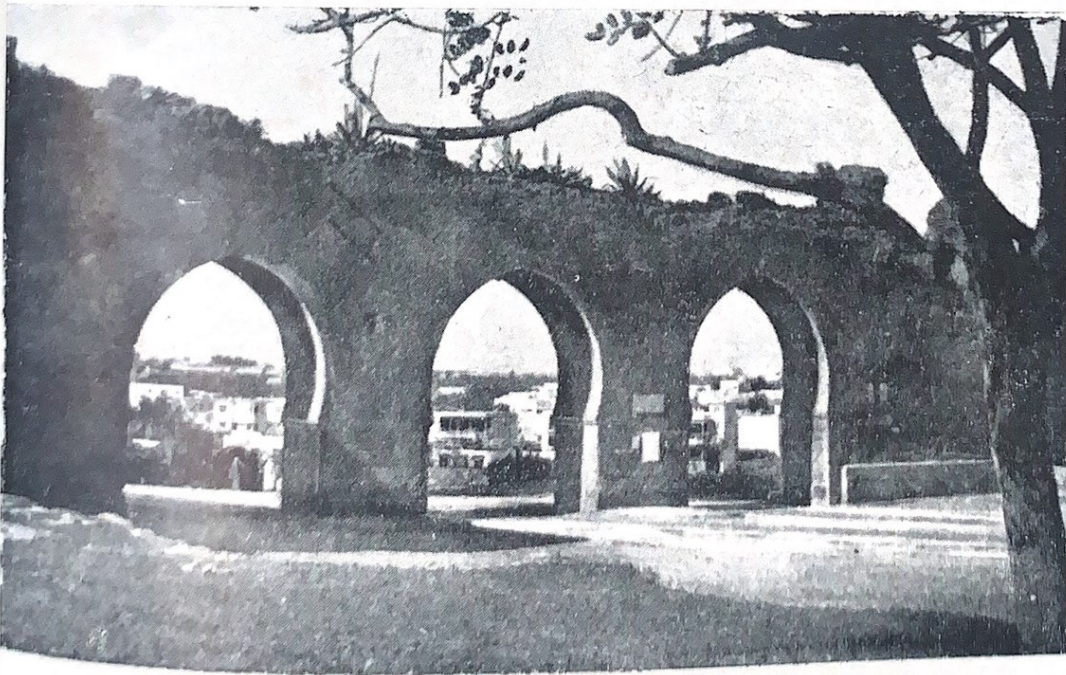


PERCURSO EM AVIÃO



136 RABAT

Café Maure des Oudaïas



113 RABAT

Les trois portes

Esse aspecto de conjunto explica as diferenças do elemento humano, dos recursos naturais e do sistema de vida.

O MARROCOS

As grandes planícies do N. E. do Marrocos são habitadas pelos bérberes, que constituem o tipo originário da África do Norte. Eles lavram a terra, com arados rudimentares puxados por bois ou jumentos. Ao passo que as cidades européias do litoral marroquino, como Casa Blanca e Rabat, têm aspectos modernos, as do interior são raras e pequenas, conservando, integralmente, os traços característicos da civilização árabe. Fez, que é a capital religiosa e intelectual do Marrocos, tem 150 mil habitantes e constitui um grande mercado às portas de Tasa, — a única passagem permanente entre as montanhas do Rif e as do Atlas, que marca o caminho para a Argélia. Os vales atraem os agricultores bérberes. No Rif, eles cultivam principalmente as oliveiras, ao passo que no Atlas, que é rico em pastagens, eles se dedicam aos rebanhos de carneiros, morando em habitações ambulantes, cobertas com peles de cabra, tal como nos acampamentos nômades. Ao Sul do Marrocos se estende uma zona rica de oasis, em que a água é facilmente captada, dando lugar a campos de trigo, de milho e plantações de oliveiras, através dos quais a água é canalizada. Vivem aí as tribus mais ricas do Marrocos, negociando em grandes mercados, ao longo da estrada das montanhas. O maior de todos esses mercados é a cidade de Marrakech, antiga capital, com 200 mil habitantes.

ARGÉLIA

Na Argélia, a vida e os recursos se concentram, particularmente no Tell, — região que se eleva bruscamente, a partir da costa, e sobre a qual a primeira cadeia do Atlas estende as suas ramificações. A região do Tell, logo atrás do litoral, constitui o Tell propriamente dito. Ela compreende vales e planícies muito elevadas. O clima é salubre e faz muito frio durante o inverno. Chove em toda a sua extensão, e os pluviômetros marcam uma altura mínima de 400 milímetros por ano. O Tell é a região agrícola da Argélia e a mais pró-

pria para a sua colonização. Seus habitantes têm vida sedentária e vivem agrupados em torno dos núcleos franceses. Ai estão três quartas partes da população da Argélia. Na região ocidental, os planaltos têm um aspecto monótono, em oposição à variedade de paisagens do Tell. A uma altitude média de 800 metros, se estendem vastos espaços pouco acidentados, sem árvores, sem águas correntes e quase sem cidades, para onde afluem na primavera, que é só quando existem pastagens, os rebanhos de carneiros e de cabras vindos do Sul, para retornarem quando se aproxima o inverno. Essa região de planaltos constitui a zona pastoril.

Politicamente, a Argélia é dividida em três departamentos:



Argel, Constantina e Oran. A capital, que é a cidade de Argel, tem aspectos urbanos que lembram S. Paulo, pelo traçado das ruas, pelo tipo dominante de construções, pela intensidade da vida e pelo grande tráfego de transportes de tôdas as naturezas. É uma cidade completamente moderna, nos limites da área abrangida pela colonização européia.

TUNÍSIA

A Tunísia apresenta um interesse histórico particular. Além de ter sido o teatro principal das guerras púnicas e a base da civilização romana na África do Norte, o seu litoral atraiu sempre, desde as idades mais remotas, o interesse dos piratas e dos povos conquistadores, como consequência da sua situação relativa, no Mediterrâneo. Lá estão a atestá-lo a velha Cartago, hoje modernizada; a Tunis tradicional e, mais para o interior, a cidade santa de Kairouan, que é a sede da religião muçulmana. O vale do rio Medjerda, que constitui uma das portas mais acessíveis do seu litoral, ainda está pontilhado de recordações da história antiga. Na sua orla Este, o golfo de Gabes recorta o território tunisiano, protegendo portos importantes por onde se estabelecem as ligações comerciais com a zona sul. Foi ao longo desse litoral que se desenrolaram, na recente campanha da África, as notáveis façanhas do VIII Exército Britânico. Depois de recalcado até as portas do Egito, êle inicia em 23 de outubro a sua contra-ofensiva vitoriosa, em El Alamen, atravessa a Líbia, vence a linha Mareth, pela manobra, e conquista, um por um, os portos do litoral Este, para aniquilar, finalmente, o inimigo, no seu refúgio do cabo Bon.

O norte da Tunísia se assemelha ao Tell algeriano. No vale do Medjerda e nas altas planícies do sul, vivem disseminados, em pequenas vilas esparsas, os grupos de camponeses, que fazem a pequena lavoura e habitam cabanas rústicas e características, construídas em pedra seca. No leste, predominam o plantio das oliveiras e a indústria da pesca. Toda a orla do golfo de Gabes é povoada de pescadores, porque as águas do Mediterrâneo são aí muito piscosas. Tôdas as cidades, — Sousse, Sfax, Gabés, etc., têm um porto de pesca. Sfax

é considerada como a obra prima da civilização francesa. O seu porto tem instalações capazes de dar escoamento às grandes exportações de fosfatos, que constituem uma das maiores riquezas da África do Norte. Ela é chamada, também, sugestivamente, a cidade das oliveiras.

Sobre todos esses portos, as aviações adversárias convergiram nos vai-vens iniciais das operações da África, o peso máximo das suas bombas, sendo que Sousse ficou transformada num montão de escombros. Pelo próprio papel que representam na economia e na defesa da Tunísia do Sul, não há dúvida de que eles ressurgirão das ruínas da guerra, reconstruídos e melhorados, para representar o grande papel que lhes está reservado, na África do futuro. Ao sul de Sfax, o Sahara se estende até o litoral, e o oasis, com os seus palmeirais protetores, são os únicos núcleos de cultura e de vida, dispersos e raros. Fora deles, a terra é estéril e monótona e tem apenas, como sinal de vida, as palmeiras nuas e esguias que marcam, às vezes, o pouso de grupos nômades que vivem de criar camelos.

O SAHARA

Sob o ponto de vista geo-político, o Sahara constitui um grande vazio no mapa da África, separando do resto do continente todo esse conjunto da bacia mediterrânea. É a região da sede, que só o camelo pode palmilhar impunemente. Para quem se desloca do sul ou do norte, da Algéria ou do Sudão, as dificuldades de vida vão se agravando, cada vez mais, até o coração do deserto. Tempos se passam sem que se veja cair, sobre toda a grande área que ele ocupa, uma simples gota d'água, e quando vem a chuva, como por milagre, é em torrentes bruscas, que passam "com a velocidade de um cavalo a todo galope", para secar, logo depois, sob um sol que queima e que caustica, infiltrando-se e escondendo-se nos lençóis subterrâneos. O vento agrava, ainda mais, a aridez do clima, e quando o simun assovia, cortando o deserto de sul para Este, as caravanas se detêm pra defender-se das tempestades de areia que penetram pelas roupas, infiltram-se pelos olhos e escurecem tudo, trazendo consigo o desespero. Foi através dessa região difícil, cuja natureza inclemente e cujos perigos insondáveis têm inspirado verdadeiras obras pri-



202 ALGER - Notre-Dame d'Afrique et le Collège Catholique



mas da literatura francesa, que passaram os soldados ingleses, com os seus óculos de proteção, com as suas viaturas disfarçadas de amarelo, rodando sobre lagartas como pés de camelo, a caminho do oásis de Gafsa, para o aperto de mão com os americanos. Foi através do deserto que a tenaz relâmpago de Montgomery comprimiu as massas humanas de Von Rommel, esmagando-as contra o Mediterrâneo norte, enquanto o 2.º Corpo Americano preparava o golpe que deveria destruir, de vez, a legenda do Africa-Korps, para obter, afinal, o domínio da África e uma das mais belas vitórias das democracias. Foi aí que os aliados começaram a ganhar a presente guerra.

A RELIGIÃO

Dizem que a África é o país dos contrastes. Ela tem o deserto, com a sua aridês e os seus tormentos e tem o inverno da Argélia, os campos verdes do Tell e os cimos do Atlas, de onde a neve nunca desaparece. Há ali regiões da fome e regiões da fartura. Há bérberes primitivos, árabes e franceses. O terreno é cheio de compartimentos separados, em que as tribus mais diversas se isolam para viver. A África é, realmente, o país dos contrastes. Há, contudo, um traço único comum no espírito do seu povo heterogêneo e disperso: é a religião do Islã. Em toda ela as mesquitas se erguem para o culto de um mesmo evangelho e os homens se ajoelham e rezam em torno dos "maraboos" caiados de branco, que guardam as cinzas dos seus grandes apóstolos. É a força espiritual da religião muçulmana um dos traços característicos mais fortes — e talvez o único comum — nas populações da África do Norte. A influência de Mahomed se estende aos hábitos de vida, à condição social da mulher, às restrições alimentares, à indumentária e à higiene, constituindo, por isso mesmo, um obstáculo quase intransponível à conquista espiritual da África pelos europeus, que a todos êles os muçulmanos consideram inimigos da sua religião. A Igreja Católica já teve, particularmente no lado de Este, os seus dias de esplendor, mas não deixou no espírito do seu povo raises tão profundas que sobrevivessem à derrocada do Império Romano, quando êle ruiu completamente, diante das hordas dos vândalos. Santo Agostinho, que era africano, nascido em Constantina, na Argélia, foi um dos mais fervorosos adeptos

tos e uma das maiores figuras do seu apostolado, mas a sua obra, notável no mundo inteiro, não resistiu à avalanche massiça da invasão muçulmana. Ele faleceu aos 75 anos de idade, no momento mesmo em que os vândalos invadiam a África, depois de conquistar um renome universal, como um dos mais exímios oradores sacros e um dos mais notáveis escritores, de todos os tempos. O grande professor de eloquência de Cartago, mais tarde bispo de Bona, compreendera que, depois dos vândalos, a Igreja teria de enfrentar inimigos ainda maiores, e não se tinham passado dois séculos, quando os árabes muçulmanos conquistaram a África, banindo dela a Religião Católica. Apesar de tudo, a Igreja perseverou na sua obra catequética e os seus sacerdotes se sujeitaram às represálias do muçulmano conquistador e a toda a espécie de sacrifícios. Até 1830, que marca o início da colonização francesa, essa missão foi penosa e cruel. O Catolicismo teve, então, mártires sem conta, imolados à fé do seu Evangelho, conseguindo, mesmo assim, erigir templos monumentais na zona litorânea, que servem, hoje, de base à sua pregação perseverante. A conquista da Argélia levava a idéia de uma expedição religiosa, mas os princípios da Revolução impediram que o Estado lhe desse qualquer apoio oficial. Mesmo assim, o espírito francês criou, nos novos núcleos de colonização, um ambiente favorável ao ressurgimento da Igreja Católica. As belas catedrais à beira do Mediterrâneo são hoje as sedes de um movimento reivindicador que procura ressuscitar a antiga influência do Catolicismo, através de um trabalho persistente, silencioso e, sobretudo, tolerante. Nós visitámos duas das mais belas igrejas católicas da Argélia: a catedral de Oran e a igreja de Nossa Senhora da África, em Alger. Nesta última, que tem no altar-mor a célebre Nossa Senhora Negra, lê-se o dístico expressivo:

“O Notre-Dame d’Afrique, priez pour nous et pour les Musulmans”.

São palavras finais da prece a Nossa Senhora, pela conversão dos muçulmanos.

É assim que se processa, lentamente, perseverantemente, o trabalho do Catolicismo para a reconquista espiritual da África, pela ação silenciosa dos seus sacerdotes, sem o oficialismo e sem os pro-

cessos violentos das lutas religiosas do passado. O problema é, entretanto, muito complexo e delicado, quando se têm em conta a rebeldia e o conservantismo próprios do espírito muçulmano.

F) — CONCLUSÃO

A região norte-africana, cujos aspectos característicos eu vos pretendi apresentar, num esboço muito rápido, está hoje ligada, de lado a lado, por uma excelente rede de estradas asfaltadas e por ótimas ferrovias, particularmente a que corre ao longo de toda a região do Tell. Embora não possua grandes indústrias, ela é justamente considerada como o celeiro da Europa, pela sua riqueza agrícola e pelas suas matérias primas; produz a tâmara, o trigo, o chá, a azeitona, o vinho e um grande número de cereais que se exportam em conservas. Os seus rebanhos são importantes, como são importantes os seus bosques de cortiça, e a sua indústria vinícola já tende a nivelar-se com as mais adiantadas. Ela é, além disso, a região do mundo que mais produz os fosfatos. Não seria necessário insistir sobre o seu valor econômico nem sobre a sua importância estratégica. Os acontecimentos aí estão, para ressaltá-los mais uma vez. As guerras desvendam a importância relativa das regiões geográficas aos olhos do espectador desprevenido mas não surpreendem nunca aos estadistas, avisados; aos estrategistas seguros, que raciocinam com a Geografia aberta e sabem dar à Geografia o seu verdadeiro valor. A bacia do Rħur, as estepes da Ukrania, as regiões do Cáucaso e dos Balkans, para limitarmos as nossas vistas ao mapa da Europa, hão de ser, em todos os tempos, grandes objetivos de guerra. É a Geografia quem o diz e a História o confirma. Esse é, também, o destino do continente africano, quanto ao Mediterrâneo e quanto ao Atlântico. Quando a aviação atingir a plenitude do seu papel no comércio e na guerra, o poder das nações será calculado em função do número e da localização das suas bases aéreas, continentais ou extrac continentais. Já não bastará, então, ao estrategista que estudar planos de guerra, o valor de uma determinada região. Ele olhará o mapa do mundo, no seu conjunto, para medir a importância dos continentes, nas suas formas de equilíbrio ou de desequilíbrio, e tudo leva a crer que a África exercerá, então, uma influência decisiva.

va, no desfecho de uma guerra e no equilíbrio de uma paz. É uma conclusão a que poderemos chegar, pelo estudo da Geografia. A guerra veio demonstrar, mais uma vez, que ela deve ser consultada pelos que querem atacar e, principalmente, pelos que querem sobreviver aos ataques. O Exército Americano, diante da ameaça da guerra, não se limitou a mobilizar os seus soldados e as suas indústrias; mobilizou, também, os seus geógrafos. Os estudos geográficos precedem as operações e as acompanham. Nós vimos no "front", ao lado dos canhões e dos tanques, o trânsito e o nível do engenheiro, cumprindo missões tão perigosas e tão importantes quanto as operações ativas. Para que uma nação se ponha em estado de defesa, precisa tanto das Forças Armadas como do seu Corpo de Geógrafos. A tarefa de ambos se inicia no tempo de paz e exige um estudo paciente e esclarecido, que lhes permita anteceder de muito os acontecimentos, para preveni-los ou para enfrentá-los. A colaboração que os geógrafos americanos estão prestando ao seu país e aos Aliados, na atual emergência, só poderá ser bem apreciada no futuro e eles hão de despertar, então, o respeito e a admiração do mundo. Chegará o momento em que a opinião dos geógrafos será ainda mais necessária e mais decisiva, e estamos certos e confiantes de que ele não tardará muito. Eu me refiro à era de paz e de tranquilidade que se seguirá, por certo, à grande tragédia dos nossos dias. Ela só será duradoura e estável quando preparada com antecedência, levando em conta a influência dos fatores permanentes da geo-política, para a determinação de uma fórmula de equilíbrio do mundo, em que prevaleçam os direitos de todos os povos sobre o egoísmo exclusivista dos que se julgam superiores. Os aspectos do mundo de hoje, os problemas nacionais e continentais se interpenetram e se confundem em problemas comuns, por força do encurtamento das distâncias, do intercâmbio do mundo e da sua divisão nítida em dois campos opostos, em duas doutrinas que se contrapõem. Felizes os continentes, como a América, que, nesta hora suprema, comungam os mesmos sentimentos e defendem princípios iguais, constituindo um bloco homogêneo em face do futuro. Eles e só eles podem depositar confiança nos seus destinos históricos. A nossa geração, mais do que todas as outras, tem o dever de pensar nesses destinos e de velar por eles, com o coração e com o pensamento.

Meus senhores:

O tema é complexo e relevante, e eu não me julgaria com autoridade nem no direito de levá-lo mais longe. Estou certo de que êle requer a nossa meditação, porque interessa aos destinos do Brasil, e se eu prendi a vossa atenção, sem merecê-la, estou certo de que serei relevado porque êsses destinos a merecerão.
